



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**HORTA PEDAGÓGICA:
METODOLOGIA DIFERENCIADA NO CONTROLE DA EVASÃO
NA ESCOLA DO CAMPO 21 DE ABRIL, DO MUNICÍPIO DE
SAPÉ, PB**

SEVERINA PEDRO DA SILVA

**JOÃO PESSOA - PB
2014**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**HORTA PEDAGÓGICA:
METODOLOGIA DIFERENCIADA NO CONTROLE
DA EVASÃO NA ESCOLA DO CAMPO 21 DE ABRIL DO
MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB**

SEVERINA PEDRO DA SILVA

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

SEVERINA PEDRO DA SILVA

**HORTA PEDAGÓGICA:
METODOLOGIA DIFERENCIADA NO CONTROLE
DA EVASÃO NA ESCOLA DO CAMPO 21 ABRIL DO MUNICÍPIO
DE SAPÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de Especialista em Educação.

Orientador: Profa. Dra. Rochane Villarim de Almeida

**JOÃO PESSOA-PB
2014**

S586h Silva, Severina Pedro Da
Horta pedagógica [manuscrito] : metodologia diferenciada no controle da evasão na Escola do Campo 21 de Abril no Município de Sapé / Severina Pedro Da Silva. - 2014.
26 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Ensino a Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Rochane Villarim de Almeida, Departamento da PROEAD".

1. Educação do campo. 2. Horta pedagógica. 3. Espaço geográfico. I. Título.

21. ed. CDD 370

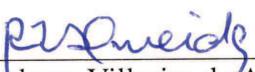
SEVERINA PEDRO DA SILVA

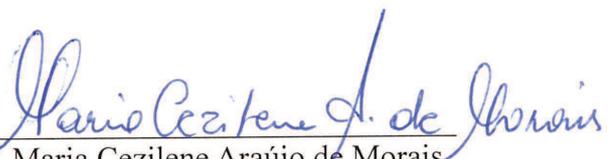
**HORTA PEDAGÓGICA:
METODOLOGIA DIFERENCIADA NO CONTROLE DA EVASÃO
NA ESCOLA DO CAMPO 21 DE ABRIL DO MUNICÍPIO DE
SAPÉ, PB**

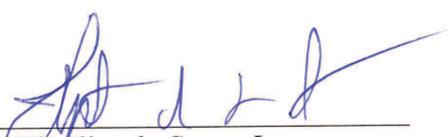
Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 20 / 09 / 2014.

Banca Examinadora


Ms. Rochane Villarim de Almeida
Orientador


Ms. Maria Cezilene Araújo de Moraes
Examinadora


Ms. Hipólito de Sousa Lucena
Examinador

A Deus, razão da minha existência sentida na Terra.
Aos os meus pais, Anália Amâncio da Silva e Pedro
Amâncio da Silva pela guerra que travaram com o
mundo em favor de minha vida.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por permitir-me mais um degrau de conhecimento e àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa monografia.

- A minha família que nas dificuldades estavam sempre ao meu lado.
- Ao meu esposo pelas vezes que caminhou junto comigo, para que eu pudesse concluir este trabalho.
- Aos professores ministrantes de cada disciplina, incluindo minha orientadora Rochann Vilarim.

A todos aqueles que fizeram parte da turma deste curso, especialmente ao amigo Ronilson José da Paz.

Da equipe de apoio técnico, administrativo e auxiliares desta entidade de ensino.

*“Se o homem do campo não roça, a cidade não almoça;
se o homem do campo não planta, a cidade não janta”.*

Domínio Público

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, que aborda itens importantes como horta pedagógica, educação do campo, evasão escolar e experiência de prática pedagógica na Educação do Campo, realizado na Escola de Ensino Fundamental 21 de Abril, localizada na zona rural do Município de Sapé-PB. Essa escola vivencia o desenvolvimento da Educação do Campo através de oficinas do Programa do Governo Mais Educação. O objetivo da pesquisa mostrar a viabilidade da implantação de hortas pedagógicas para servir de laboratório vivo para o estudo das questões ambientais. Trabalhando a interdisciplinaridade, a horta pedagógica poderá favorecer a permanência dos alunos na escola, diminuindo a evasão escolar. Em estudos realizados no Assentamento 21 de Abril, onde a escola está inserida e recebe o mesmo nome, baseado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e na monografia da terra a fim de resgatar a história da instituição e da vida do povo camponês. É inovadora essa prática pedagógica para o cotidiano dos professores camponês, rever valores sociais e ambientais, no intuito de adquirir novos saberes.

Palavras-chaves: Educação do campo; Horta pedagógica; Evasão escolar.

ABSTRACT

This paper addresses important items as a pedagogical garden, rural education, truancy and pedagogical practice experience in Rural Education, held at the Escola de Ensino Fundamental 21 de Abril, located in rural zone of Municipality of Sapé-PB. This school experiences the development of the Rural Education through workshops of the Government Program Mais Educação. The objective of the research is to show the feasibility of the implementation of educational gardens to serve as a living laboratory for the study of environmental issues. Working interdisciplinary, pedagogical garden may encourage the students stay in school, reducing truancy. In studies conducted in the Assentamento 21 de Abril, where the school is inserted and given the same name, based on the Pedagogical Political Project (PPP) of the school and the land of the monograph in order to rescue the institution's history and life of the peasant people. It is this innovative pedagogical practice to the daily lives of peasant teachers, reviewing social and environmental values in order to acquire new knowledge.

Key words: Rural education; Pedagogical garden; Truancy.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2- METODOLOGIA	14
2.1 RELAÇÕES ENTRE O MEIO URBANO E MEIO RURAL ...	14
2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO	15
2.3 REFORMA AGRÁRIA E MOVIMENTOS SOCIAIS	19
2.4 O JOVEM, O CAMPO E A CIDADE	21
3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
4 - REFERÊNCIAS	26

1 - INTRODUÇÃO

A evasão escolar constitui-se, em todos os níveis de ensino, um dos graves problemas educacionais brasileiros. Sua gênese e efeitos maléficos para o desenvolvimento do país tem sido constante objeto de estudo, tanto no ensino superior quanto por parte de pesquisadores independentes.

Entende-se por evasão escolar a situação do aluno que abandonou a escola ou reprovou em determinado ano letivo, e que no ano seguinte não efetuou a matrícula para dar continuidade aos estudos.

As causas da evasão escolar ou infrequência do aluno são diversificadas. Entretanto, considerando os fatores determinantes da ocorrência do fenômeno, pode-se classificá-las, agrupando-as, da seguinte maneira:

Escola: Pouco atrativa, autoritária, com professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação, etc.

Aluno: Desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc.

Pais/responsáveis: Não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc.

Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues, etc.

Estas causas, como já afirmado, são concorrentes e não exclusivas, ou seja, a evasão escolar verifica-se em razão da somatória de vários fatores e não necessariamente de um especificamente. Detectar o problema e enfrentá-lo é a melhor maneira para proporcionar o retorno efetivo do aluno à escola.

Em recente pesquisa levada a cabo pelo Centro de Políticas Sociais, da Fundação Getúlio Vargas, constatou-se que o principal motivo para a evasão escolar dos jovens foi o desinteresse dos alunos pela escola (Tabela 1).

Tabela 1. Motivos para Evasão Escolar.

Motivos de Evasão	2006	2004
Falta de Renda (Demanda)	27,09	22,75
Oferta	10,89	11,14
Falta de Interesse (Demanda)	40,29	45,12
Outros Motivos	21,73	20,77

Fonte: Neri (2009).

Tendo-se como referência esse contexto, cabe à escola empregar metodologias inovadoras para garantir a retenção dos alunos na escola, valorizando as práticas educativas que melhorem o desempenho escolar dos alunos, bem como diminua o crescente fenômeno do êxodo rural.

A implantação e implementação de horta pedagógica intervêm na evasão escolar em duas frentes. Na escola, tornando-a atrativa para motivar os alunos a frequentá-la com desejo de participar das atividades escolares, bem como no aluno, que pode ser motivado para as práticas educativas, diminuindo assim a repetência e a evasão escolar.

A horta pedagógica é um espaço interdisciplinar, servindo de laboratório onde a escola pode utilizá-la para o ensino de diversos componentes curriculares, como a educação ambiental, por meio da interação da comunidade escolar com a Natureza, bem como servir de apoio para melhorar os hábitos alimentares dos educandos.

Através de atividades pedagógicas que incentivam o manuseio da terra, reciclagem e proximidade entre comunidade e escola, é possível reconstruir o cenário social de um bairro ou de uma comunidade.

Como bem frisaram Kadiharas e Batista (2011):

Os Projetos das Hortas Pedagógicas tiveram como principal objetivo despertar para a EA, através da interdisciplinaridade, possibilitando o desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas, unindo a teoria e a prática de forma contextualizada de acordo com a realidade vivenciada pelos alunos em suas comunidades, pois, ao educar o aluno praticando desde cedo o respeito para com o meio ambiente, formam-se futuros adultos conscientes, demonstrando uma alternativa para a quebra de paradigmas quanto aos costumes de fundo cultural da sociedade presente, evidenciando a necessidade de mudanças nas políticas públicas educacionais, de maneira que sejam incorporados instrumentos capazes de reorientar o currículo escolar. (KADIHARAS; BATISTA, 2011)

A implantação de uma horta pedagógica surge da necessidade de aproveitamento dos espaços ociosos da escola, bem como para baratear o alto custo dos alimentos advindos de hortas, em razão da última seca que assola todo o Estado da Paraíba e que não poupou a nossa região.

Pensando em como melhor aproveitar esses espaços, na preservação do meio ambiente, em diminuir os custos da merenda escolar, no estreitamento de laços entre educandos e educadores, bem como na diminuição da evasão escolar.

Em se tratando de uma Escola do Campo, o manejo da terra, o aproveitamento do lixo orgânico e o conhecimento sobre plantio, tornam-se indispensáveis para o aprendizado dinâmico e de qualidade, trazendo maior interesse dos educandos pela educação.

O envolvimento dos educandos, educadores, pais e a comunidade, bem como a retenção dos alunos na escola, são sem dúvida alguma as maiores conquistas desse trabalho.

A implantação da horta pedagógica visa a proporcionar possibilidades para o desenvolvimento de ações pedagógicas por permitir práticas em equipe, explorando a multiplicidade das formas de aprender e o interesse para que cada família se integre e seja incentivada a construir em seus quintais as hortas orgânicas.

Portanto, esse estudo tem o objetivo de demonstrar que a implantação de uma horta pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental 21 de Abril, localizada na zona rural do Município de Sapé, Estado da Paraíba, poderá favorecer a retenção dos alunos, diminuindo assim a repetência e a evasão escolar, bem como favorecer o debate sobre as questões ambiental, alimentar e nutricional.

Para tanto, pretende-se:

- Discorrer sobre os estudos, pesquisas, debates e atividades sobre as questões ambiental, alimentar e nutricional das hortas pedagógicas;

- Mostrar que a horta pedagógica poderá integrar os diversos profissionais da escola do campo por meio de temas relacionados com a educação ambiental, alimentar e nutricional.

- Apresentar um projeto sobre Horta Pedagógico que poderá ser utilizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental 21 de Abril.

2 - METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho será utilizada a pesquisa exploratória, do tipo bibliográfico.

Para discorrer sobre o tempo de permanência na escola e as motivações dos estudantes, serão utilizados os ensinamentos de Neri (2009), que, associado com Brandão (1999), trás um panorama bastante real dos motivos da evasão escolar no Brasil. Sendo que Brandão (1999) propõe algumas estratégias para a retenção dos alunos na escola, entre elas, a horta pedagógica.

Os pontos positivos para a educação das hortas comunitárias serão extraídos de Medrado (1998), que, de maneira bastante didática, descreve como a técnica do cultivo e do plantio de hortaliças, de verduras, pode ser aproveitada nos cursos e currículos.

Com relação à implantação da horta pedagógica propriamente dita serão utilizados os cadernos do Ministério da Educação (FERNANDES, 2007; BARBOSA, 2008), que trazem as orientações necessárias para a sua implantação e implementação.

Outras bibliografias serão utilizadas para corroborar com a vertente principal desse trabalho que considera as hortas pedagógicas como uma aliada para a retenção dos alunos na escola, diminuindo dessa feita a repetência e a evasão.

2.1 RELAÇÕES ENTRE O MEIO URBANO E MEIO RURAL

Estejamos ou estivermos no campo ou na cidade o meio influencia a maneira de viver, submetido a elementos culturais, sociais, econômicos, climáticos e disponibilidade de materiais Rapoport (1972, p. 38).

No Brasil, até 1960, a população do campo era maior do que a população nas cidades. Mas a partir de 1970, a população urbana passa a ser maior do que a rural, atualmente a população do campo é cinco vezes menor do que a das cidades.

As relações de “interconhecimento e reaproximidade” entre vizinhos para diferenciar o sítio em que viver. Segundo Mendras (1978), é um espaço no sentido de comunidade camponesa socializado em posição a outros territórios.

A ideia de que todo mundo se conhece se estabelece entre si aliança ou relações de parentesco e se fortalece quando no interior da mesma comunidade coincide o local

de vida e trabalho, combinado a vida doméstica e a vida coletiva. As obrigações do dar, receber e retribuir, poderá ser discutido em grupo mais próximos.

O modo de vida tradicional caipira baseado na solidariedade e na similaridade entre vizinhos fazia com que os mesmos resistissem a crise, havendo maior dificuldade quando estes passaram a comprar suas necessidades com a vida urbana. Assim, o bairro rural é a unidade da primeira sociabilidade, condições que fez com que os camponeses tenha em relação a ele um sentimento de pertencimento e localidade, pois é ali que se desenvolvem as relações de reciprocidade e as manifestações da vida lúdica-religiosa, que dá um sentido diferente ao trabalho e a morada no seu interior.

O meio urbano está relacionando com um ambiente de crescimento e desenvolvimento, e novas perspectivas de vida, devido a isso a migração do meio rural para o urbano está crescendo constantemente. Há diversas diferenças entre eles, onde o homem do campo é rico quando possui força para trabalhar, retirando de sua terra os próprios alimentos que cultiva e o que sobra ele comercializa, o trabalho é visto como uma necessidade e o dinheiro como uma consequência, além do mais o indivíduo que vive no campo é privilegiado, pois tem a natureza como o seu quintal. Já na cidade a forma de sobreviver é através do trabalho que é oferecido pelos setores de órgãos Públicos privados. Enquanto na cidade a proximidade entre habitações definiu vizinho, no campo a proximidade física é definida como propriedade de terra.

O camponês tornou-se o trabalhador explorado, na realidade seus filhos não são tratados com igualdade, a própria mídia os discriminam, portanto devemos resgatar a cidadania do homem do campo, semeando sonhos e cultivando seus direitos e deveres de cidadãos campensinos.

2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do campo é um fenômeno em fase de constituição histórica buscando força material na luta política por territórios concretos e com destino a uma comunidade camponesa. A materialidade de origem ou raiz da educação do campo exige que seja pensada trabalha sempre na tríade: campo, política- pública, educação.

Com mobilização, pressão de movimentos sociais por uma política educacional para uma comunidade sem-terra, por implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária, havendo muitas resistências para não perde as escolas, experiência de educação, sua identidade.

A educação do campo deve ser construída a partir da diversidade dos sujeitos do campo: Comunidades negras rurais, quilombolas, boias-frias, assalariados rurais, posseiros, meeiros, arrendatários, acampados, assentados, reassentados atingidos por barragens, agricultores familiares, vileiros rurais, povo das florestas, indígenas, pescadores e ribeirinhos. Eles são a base da sustentabilidade da vida humana no mundo.

A educação rural no Brasil surgiu pelas matrizes culturais que são escravista, latifundiárias e oligarquias onde ficaram marcadas pela exclusão de modelo adotado de desenvolvimento inacessível para grande parte da população rural. A escola foi institucionalizada no campo sem considerar:

- A população e quem se destinada no campo;
- O contexto onde estava situada;
- As relações sociais e culturais dos sujeitos;
- As relações produtivas e as necessidades de formação da população rural. A esse modelo de escola chamamos de: Urbanocêntrica, Sociocêntrica e Etnocêntrica.

Vale identificar o histórico da instituição campesina.

A Escola Municipal 21 de Abril situada no Assentamento 21 de Abril, na zona rural do Município de Sapé-PB. É mantida pela Secretaria de Educação do município.

Foi construída no ano de 2000, na gestão do prefeito João Carneiro Carmélio Filho. Tendo como Secretária de Educação Ivonete Bandeira Tofolí.

Sua inauguração aconteceu no dia 21 de abril do mesmo ano. Por se comemorar a data em que os assentados acamparam a terra e iniciaram as lutas pela conquista da mesma.

De acordo com as informações da comunidade, no dia 21/04/1996, 510 famílias acamparam uma parte da fazenda Santa Luzia, do proprietário João Ramos.

Várias dessas famílias se dividiram para acampar noutras terras, ficando aproximadamente 150 (famílias). Seguindo com as lutas e negociações, para desapropriação da terra, regularizando-se oito (08) meses depois de muita luta. Conseguiram assim transformar o acampamento em um assentamento com o apoio da CPT (Comissão Pastoral da Terra), o qual deram-lhe o nome de Assentamento 21 de Abril.

No ano seguinte, com os registros no INCRA, conseguiram os resultados para a construção da Agrovila.

A data do acampamento se deu justo no dia em que o Brasil lembra a morte do

grande líder brasileiro Tiradentes, que tinha o grande ideal de liberdade. Motivo pelo qual do nome do assentamento e da escola.

O líder político e religioso do nosso estado, Frei Anastácio, que esteve à frente do movimento, foi quem celebrou a 1ª a missa em ação de graça junto à comunidade.

A Escola iniciou seu funcionamento com duas turmas multisseriadas (1 a e 2a séries/ 3a e 4a séries) e uma turma de pré-escola no turno diurno. As primeiras professoras foram Maria José Sousa da Silva e Jaire de Sousa Lima. Na direção Getúlio Dantas de Figueiredo, que também se manteve em uma das salas de aula por alguns meses. O mesmo fazia parte da comunidade do assentamento.

Atualmente a escola foi reformada, encontra-se murada, tem uma área com plantações: bananeira, coqueiro e outra espaço ocioso o qual poderá ser implantado a horta pedagógica.

Dispõe de 2 banheiro, 1 cozinha, 1 diretoria, 2 salas de aula, 1 depósito de merenda e outro de materiais escolares e 1 sala de computação.

Atende a 67 alunos, sendo distribuído assim: 17 estão na educação Infantil e 60 no ensino fundamental. Eles são filhos dos agricultores da terra e de sítios vizinhos.

Funcionando com diretora, 1 secretaria. 4 professores, todos com cursos de pedagogia, 2 supervisores, 1 nutricionista, com apoio de 2 auxiliares e mais 2 professores das oficinas pedagógica do reforço escolar. Os alunos estudam tempo integrado, a escola recebe o programa do Governo Mais Educação, as próximas oficinas são: jogos esportivos e horta escolar.

O bom relacionamento com os pais, se dão através de reuniões, ligando escola a família, para traçar metas de trabalhar a interdisciplinaridades com alunos desta comunidade rural.

Segue em anexo as fotos da entidade de ensino e da terra.

Este item me faz refletir experiência de vida, de conhecimento de mundo, pois sou filha de trabalhadores rurais, ora vivenciando exclusões e abandono nas questões trabalhistas e de justiça social no contexto da escola pública do campo.

FREIRE (1996, p. 88), no que se refere aos saberes necessários à prática docente, no livro pedagogia da autonomia, enfoca: “A mudança do mundo implica a dialetização entre denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo do nosso sonho”. Foi convencendo com crianças, adolescentes, jovens e adultos do campo que adquiere prática que posso contribuir com a pedagogia da intervenção e da transformação de realidade, dificuldades enfrentas na vida pessoal, familiar, profissional, permanecendo em mente ate hoje.

Posso considerar que estou buscando os saberes do cotidiano campesino. Na escola campesina a necessidade de avançar cresce cada vez mais, por tanto é barrada pelos governantes que não tem compromisso com a população da zona rural.

A pesquisadora teve início a seus estudos, na escola do campo, aos oito anos de idade, sua mãe a matriculou para ser alfabetizada, para chegar a escola, atravessava várzea de lama, na época chuvosa. Ao chegar à escola, todos sentavam, em um grande banco ao redor da mesa e lá estava a professora Lindalva Dantas de Medeiros, fazendo as atividades nos cadernos dos alunos e no quadro de giz, era uma turma de multisseriado. Na hora do recreio as meninas brincavam de cantigas de rodas e os meninos de jogar bola, quando havia festa a menina gostava de participar das dramatizações. Próximo a concluir o ensino primário, seus pais foram morar em uma fazenda chamada Junco e lá não existia escola, no ano seguinte sua mãe a matriculou na escola mista de Sobrado – PB, nessa nova fase precisava caminhar pela rodovia, todos os dias a jovem acordava cedo para trabalhar no campo realizando as colheitas e assim comprava seu material escolar para estudar e concluir o ensino primário, hoje (Fundamental I). Estudou na Escola Estadual de 1º Grau e 2º Grau de Sapé a 5ª série e no segundo ano surgiu na sua vida uma grande oportunidade, foi convidada a ensinar na fazenda onde morava, no ano de 1979 deixou a vida de agricultora e ingressou na carreira de professora da Educação Básica I, antes curso primário.

Novas perspectivas de vida surgiram quando assumiu uma sala de aula, no primeiro dia sentiu um grande entusiasmo diante de várias crianças era uma turma multisseriado sem muita prática, mas seguia adiante. Na Fazenda Junco só existia um grande galpão, então ela foi à busca de organizar uma sala de aula, providenciou a merenda cozinhava, limpava e planejava as atividades para cada série, ela só contava com ajuda da sua mãe para realizar esse trabalho. No ano seguinte para desempenhar melhor a sua função participou do curso de capacitação de professores em exercício na 1ª série, realizado no Centro de Formação e Treinamento de Professores de Sapé, também participou do treinamento para ensinar os idosos, Mobral.

Concluído a 8ª Série do ginásio e ingressou no curso pedagógico para inovar sua metodologia de ensino, iniciou o curso e para concluir, estagiou na escola Gentil Lins na 2ª série, continuou ensinando na rede de ensino municipal. No ano de 1985 fundou a Escola Pollichinelo, localizada na Praça João Pessoa, nos dois turnos, com ensino do maternal a alfabetização, em 1986 participou de mais outro curso de capacitação de professores a nível de 1ª a 4ª séries.

No ano de 1988 fez o concurso público do Estado, foi chamada para trabalhar dois anos depois, também era uma turma multisseriado, a escola ficava localizada em uma região canavieira Açude do Mato, lá trabalhou sete anos educando as crianças e os jovens do campo, nessa entidade contava com o apoio da diretora, auxiliar e merendeira.

Já em 1991, foi transferida da zona rural para a Escola Municipal Alfredo Coutinho de Moraes, em Sapé, onde trabalhou com as crianças, jovens e adultos em todas as séries deixando assim a sua marca registrada na escola da zona urbana.

Afastada de sala de aula, nas três entidades devido a problema de saúde com isso foi readaptada e transferida da Escola Açude do Mato para o Colégio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, exercendo até os dias atuais o cargo de inspetora da Escola, que não deixa de ser uma Educadora dos corredores escolares. No ano 2004 em busca de inovar seus conhecimentos, sua prática no currículo da Educação Escolar, ingressou na faculdade, fazendo o Curso de Pedagogia na Universidade Vale do Acaraú (UVA). Não de sonhar fez uma especialização em fundamentos da Educação prática pedagógica interdisciplinares, qual relembra sua prática durante sua trajetória escolar.

“O que faz a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para fazerem parentes do futuro”.

Mia Couto.

2.3 REFORMA AGRÁRIA E MOVIMENTOS SOCIAIS

A propriedade da terra no Brasil está concentrada nas mãos de poucas pessoas. Por isso sempre existiu conflitos.

Em 1950, surgiu no nordeste as ligas camponesas, que lideradas pelo deputado Francisco Julião mostravam a urgência de se fazer a reforma agrária no país.

Primeiro passo foi dado com o Estatuto da Terra, em 1964, já a Constituição de 1988 estabeleceu a quantidade de módulos para uma família viver, e esta quantia expressa em hectares, levando em conta o tamanho da propriedade, sua localização e o nível de aproveitamento econômico.

As organizações populares e governamentais pelo desenvolvimento das Comunidades Campesinas são:

- Liga Camponesa = Sapé;
- Movimentos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra (MST);
- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG);
- Federações e sindicatos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais;
- Comissão Pastoral da Terra (CPT);
- Macha das Margaridas; e
- Grito da Terra.

Organizações governamentais:

- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA);
- Instituto do desenvolvimento agrária (MDA);
- Secretarias municipais de agricultura; e
- Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS).

O campo no Brasil está em movimento sociocultural de humanização, as tensões, as lutas sociais e as organizações e movimentos de trabalhadores da terra estão mudando o jeito da sociedade olhar para o campo e seus sujeitos sem discriminação.

Uma importante e significativa mudança de teoria e de prática no que refere a educação rural foi o movimento Nacional desencadeado para construção de uma escola do campo. A primeira conferência foi realizada em 1998 organizada pelos MST, CNBB, UNICEF e UNESCO e a (II) em 2004.

Os trabalhos coletivos dos movimentos sociais e a educação levaram as trajetórias vivenciadas pelos sem-terra na experiência de acampamento e de assentamento influenciam na construção de estratégias de organização da vida dos camponeses. Os assentamentos rurais do movimento contam com 1800 escolas pública de ensino Fundamental em que estudam 160 mil crianças e adolescente e atuam 3.900 educadores e 250 educadores nas cirandas infantis.

Hoje os assentamentos já existem diversos profissionais como: Agronomia, Educação, Medicina, Técnicos administrativo, Técnico agrícola e outras. Para o desenvolvimento, as escolas devem seguir um calendário especial para atender ao público camponês que trabalha nas atividades temporárias como: a pescaria e agricultura. As políticas pública para a educação do campo são: Pronera, Pronacampo, Saberes da Terra.

O “Pronera” tem prática e se projeta como política que afirma determinada concepção de Educação do campo. As posições tomadas foram: formação de educadores, educação profissional democratização à educação superior, escola pública de educação básica e do campo, transporte escolar, fechamento de turmas e de escola no campo.

É imprescindível a inclusão afetiva de todos envolvidos no processo educativos como escola e família na implementação de uma verdadeira parceira cuja ideia central e de cada sujeito-agricultor, monitor, estudante que tenha seu lugar nas condições que lhe é própria. O poder também é destinado a cada associação existente no CEFAS (Casa Escola Família Agrárias) para os desafios presentes no contexto socioeconômico, cultural e político da escola, e na articulação organizações entidades e movimentos presentes na realidade local, orientado para a construção de um projeto para o futuro dos alunos mas também da localidade da região, impedindo o êxodo rural e favorecendo melhorias as condições de vida do agricultor. Os centros familiares têm baseado á função pedagógica, política e social da escola do campo.

2.4 O JOVEM, O CAMPO E A CIDADE

Ser jovem é ter direito de expressão, se diverti conviver trocar ideias com outros. As representações desse jovem sobre o mundo rural sofrem influência da mídia, sua característica e a dificuldade vivenciadas no dia a dia, podemos também acrescentar como corajoso estão sempre a mercê dos pais ao trabalho doméstico. Já o jovem da cidade vive no meio mais amplo, em termo de conhecimento cultural são mais liberais, participativo nos trabalho e nos contatos sociais obtendo assim mais vantagem do que o jovem do campo, alguns lugares que são frequentados por eles: os clubes recreativos, igrejas, escolas e etc.

A música que marca a vida do ser jovem camponês merece destaque, por isso a juventude pode cantar:

Não Vou Sair do Campo

Gilvan Santos

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola

O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, Caeté
Castanheiro, seringueiros
Pescadores e posseiros
Nesta luta estão de pé

Cultura e produção
Sujeitos da cultura
A nossa agricultura
Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver no novo dia
Com mais humanização

Quem vive da floresta
Dos rios e do mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma festa
Quem a sua força emprestada
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa

Essa música retrata os jovens camponeses, e suas perspectivas de vida em busca de sobrevivência humana, oferecida pela natureza, mas com toda tecnologia avançada ainda acontece o êxodo rural, pois o meio social influencia os jovens a crescer gradativamente partindo dos seus saberes da terra.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretende contribuir para que outros(as) educadores(as) possam aplicá-lo nas suas aulas, praticando o exercício de cidadania o que tanto se faz necessário para o avanço da educação, enquanto pensadores e multiplicadores de ideias, sobretudo, daquelas voltadas para os direitos e deveres que o ser humano precisa estar atento, dentro de uma sociedade multifacetada e complexa.

Na Escola 21 de Abril é possível observa que já existem diversas plantações nas laterais desta entidade, onde deverá haver um aperfeiçoamento dos conhecimentos teóricos e prática relacionado ao meio ambiente, produtos alimentícios e saúde desta comunidade. É importante que as aulas da horta sejam integradas reflexivas e que visem principalmente a redução das doenças causada pelos maus hábitos alimentares e tratamento incorreto do meio ambiente. Além disso, deve-se apresentar estratégias motivadoras que possam despertar o respeito pela vida no sentido mais amplo, buscando aprender seus comportamentos desde a base familiar até a social incluindo também as pessoas da família, tornando forte o auto-estima de cada pessoa dentro da escola.

Nas aulas de saúde, o(a) docente pode explicar que das hortaliças, os talos, os ramos, as sementes e as cascas podem apresentar mais vitaminas e sais minerais que as folhas, flores e polpa dos frutos. Os talos, por exemplo, concentram mais nutrientes por estarem próximos da raiz, que retira os nutrientes da terra; as sementes são ricas porque possuem substâncias nutritivas no endosperma ou nos cotilédones, que nutrirá a planta jovem; e as cascas possuem boas quantidades de minerais. Tanto as cascas como os talos contêm muita fibra.

Entretanto, o tipo e a quantidade de nutrientes presentes em cada parte das hortaliças podem variar, portanto o ideal é consumir todas as partes comestíveis. Melhor também é consumir os vegetais crus ou a vapor, pois não há muita perda de nutrientes, entretanto, o tomate quando consumido na forma de molho, oferece maior quantidade de licopeno do que numa salada crua.

O educador pode explicar ainda que determinadas plantas utilizadas como alimento também podem ter propriedades curativas como, por exemplo, alface, coentro, brócolis, berinjela, alho, cebola, gengibre, hortelã, aipo ou salsão e tomate, que são hortaliças utilizadas para combater várias enfermidades o educador pode destacar se as hortaliças são monocotiledôneas ou eudicotiledôneas, conceituando e exemplificando

cada grupo. Dentre as monocotiledôneas, ele pode destacar hortaliças como alho, cebola, cana-de-açúcar, milho e gengibre.

Dentre as eudicotiledôneas, ele pode explorar o feijão, mandioca, amendoim, tomate as partes dos vegetais utilizadas como alimento ou condimento, se é a raiz (cenoura, beterraba, batata-doce, mandioquinha-salsa), o rizoma (inhame, gengibre), o caule (coentro, agrião), a folha (alface, couve, coentro, agrião, brócolis, espinafre, repolho), a flor ou inflorescência (couve-flor, brócolis), o fruto (berinjela, tomate, pimentão, pepino, jiló, maxixe, quiabo) ou a semente (contida nos frutos do coentro).

O(a) educador(a) pode também trabalhar as diversas partes que compõem as hortaliças. Em um feijoeiro, por exemplo, ele pode destacar o número de cotilédones presentes nas sementes, o tipo de raiz predominante se é axial, fasciculada ou tuberosa, o tipo de folha. Num pé de milho ele pode trabalhar com os mesmos aspectos, aproveitando para evidenciar as principais diferenças entre uma monocotiledônea e uma eudicotiledônea.

Na berinjela, no quiabo, no maxixe, no jiló, no coentro, assim como no tomateiro, no pimenteiro, e nas demais hortaliças, o professor pode destacar o tipo de flor se ela é completa ou incompleta, se é trímera, dímera, tetrâmera ou pentâmera, se é unissexuada ou bissexuada e as diversas partes que compõem o órgão reprodutivo, se também existe na planta uma inflorescência ou não.

Devem ser estudados também os tipos de frutos, se são carnosos, folículos, cápsulas, legumes, aquênios, sâmaras, síliquas, cariopses ou pixídios. Pode-se observar, se possível, o número de lojas presentes nesses frutos como, por exemplo: num tomate pode-se encontrar ao partir o fruto duas lojas.

Em todas as plantas o professor pode trabalhar os tipos de folhas predominantes, se são arredondadas, ovadas, lanceoladas, aciculares, alongadas, lisas, dentadas, crenadas, lobadas ou fendidas, se são compostas ou simples, se são pecioladas ou invaginantes, e se suas nervuras são ramificadas ou paralelas. Num pé de coentro, por exemplo, ele pode explicar que suas folhas são compostas, pois possuem folíolos, subdivisão das folhas, enquanto que num pimenteiro, as folhas são simples, porque não apresentam tais subdivisões.

Num feijoeiro, o educador deve explicar que as folhas são pecioladas porque possuem pecíolo, eixo que sustenta a folha e serve para unir a lâmina foliar ao caule e que suas nervuras são ramificadas, enquanto que num pé de milho as folhas são invaginantes, pois partem diretamente do caule, possuem bainhas em envolvem o caule e suas nervuras são paralelas.

Na Botânica ele pode abordar ainda os tipos de caules, se são caules aéreos eretos na forma de colmos (milho e cana-de-açúcar), na forma de hastes (salsa, alface e agrião); se são caules aéreos rastejantes (pepino e gerimum) ou se são trepadores (chuchu); se são subterrâneos na forma de rizoma (gingibre), tubérculo (batata comum), bulbos tunicados (cebola) ou bulbos compostos (alho).

É necessário que se trabalhe a interdisciplinaridade, pois há a possibilidade de se pesquisar e estudar sobre as plantas condimentares e aromáticas, como o tomateiro, o manjeriço, entre outros que utilizam substâncias químicas presentes nos aromas exalados para afugentar pragas ou impedir o crescimento e desenvolvimento de outra planta, pois só assim aproveitará mais o aprendizado dos alunos no cotidiano escolar.

Nas demais aulas pode-se haver exposição dos tipos de solo, se é argiloso, arenoso, humoso ou calcário e o pH de cada um, se é ácido, neutro ou básico, contemplando a interação do vegetal com ele, e aproveitando-se para destacar as plantas que se adequam melhor a cada tipo de solo, o porquê dessa adaptação, os elementos químicos (nutrientes) presentes em cada um e a influência do pH na coloração das flores e na absorção dos nutrientes, instigando o alunado a perceber, por exemplo, que solos muito ácidos favorecem a absorção de micronutrientes e do alumínio, causando deficiência de macronutrientes como fósforo e cálcio e diminuindo a produtividade das culturas.

Podem ser explanadas também as técnicas utilizadas na agricultura para a correção da acidez dos solos, como a calagem, por exemplo, que consiste na adição de calcários que contêm cálcio e magnésio. Tais elementos possuem pH elevado, ou seja, básico e, possuem a propriedade de neutralizar a acidez e aumentar o pH do solo.

É importante ainda propiciar ao alunado passeios ecológicos como, por exemplo, pelo Jardim Botânico e pelo Parque Arruda Câmara, objetivando um melhor aprendizado. Numa das aulas práticas o professor pode solicitar para a preparação da horta a participação dos avôs dos alunos, a fim de trocar experiências e conhecimentos com eles, visto que as pessoas mais velhas carregam consigo uma ampla quantidade de informações e são a principal fonte cultural para os mais novos.

4 - REFERÊNCIAS

BARBOSA, Najla Veloso Sampaio. **A horta escolar dinamizando o currículo da escola**. 2. ed. Brasília: MEC, 2008. (Caderno 1).

BRANDÃO, Adalberto de Oliveira. Combatendo a Evasão Escolar. *In*: FUJIWARA; Luis Mario; ALESSIO, Nelson Luiz Nouvel; FARAH, Marta Ferreira Santos (Orgs.). **20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 1999. p. 3-14.

CALDART, Roseli Saleti, Tiago de Melo, 1962. Ceneção e Fundamentos da Educação do Campo v. 2 p.13, 14, 15, 16.

COLEÇÃO SENAR. Hortaliças orgânicas. v. 89, 70, 106, 117, 118, 119.

FERNANDES, Maria do Carmo de Araújo. **Orientações para Implantação e Implementação da Horta Escolar**. Brasília: MEC, 2007. (Caderno 2).

FIGUEIREDO, Tânia Maria Mares; Suely Almeida Porto Miranda. Livro girassol, saberes e fazeres do campo. p. 125 a 133.

KADIHARAS, Tatiana Eiko Asahi; BATISTA, Abraão Romão. Horta pedagógica: recurso de interdisciplinaridade para abordar a Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Informações Científicas**, v. 2, n. 4, p.1-11, 2011.

MEDRADO, Hélio Iveson Passos. Formas contemporâneas de negociação com a depredação. **Cad. CEDES**, v. 19, n. 47, p. 81-103, 1998.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **O Tempo de Permanência na Escola e as Motivações dos Sem-Escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos/>>. Acesso em: 11/01/2014.

PAZ, Ronilson José da; LUNA, Rômulo Gil; FARIAS, Talden. (Org.). **Gestão ambiental: caminho para sustentabilidade**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2010.

PEREIRA, Bruna Fernanda Pacheco; PEREIRA, Maria Beatriz Pacheco; PEREIRA, Francisco Antonio Almeida. Horta escolar: Enriquecendo o ambiente estudantil - Distrito de Mosqueiro-Belém/PA. **Revbea**, Rio Grande, v. 7, p. 29-36, 2012.

RECINE, Elisabetta; IRALA, Clarissa Hoffman; FERNANDEZ, Patrícia Martins. **Horta**. Brasília: UnB, 2001. (Manual para Escolas - A Escola promovendo hábitos alimentares saudáveis).

REZENDE, Juliana L. P.; BAETA, Walisson B.; GOLÇALVES, Patricia M. Desenvolvimento de horta escolar e compostagem com alunos do programa Escola da Gente em Betim/MG. **Sinapse Múltipla**, v. 2, n. 1, p. 15-20, 2013.

ANEXOS



